

Aos leitores

Maria Ataíde Malcher¹

<https://orcid.org/0000-0003-4687-1840>

Iluska M. da Silva Coutinho²

<https://orcid.org/0000-0001-5597-9453>

¹(Universidade Federal do Pará, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior. Belém – PA, Brasil. Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde. Rio de Janeiro – RJ, Brasil).

²(Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Juiz de Fora – MG, Brasil).

Com este terceiro fascículo, finalizamos as edições da *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* de 2021 – um ano marcado por adversidades e lutas pela vida, pela educação e pela ciência no país. A priori, por conta do contexto pandêmico ainda vivido, no qual o conhecimento científico é fundamental, mas é constantemente desacreditado. Mas também por um projeto de desmonte em curso, que promove ataques à autonomia das universidades e às atuações dos pesquisadores e das principais agências de fomento do Brasil. Foram diversas as regressões nas políticas públicas de financiamento e avaliação da educação, em todos os níveis de ensino, especialmente na pós-graduação. Contudo, é neste mesmo contexto que se fortalecem as mobilizações coletivas, para garantir que a educação e a ciência possam não só manter o que já foi conquistado, como também continuem contribuindo para entender e alterar as diversas realidades do país. Para nós, editoras, avaliadoras e autoras em periódicos científicos, a desafiadora manutenção dos fluxos e publicações é também uma contribuição, uma forma de resistir e manter a esperança na produção de conhecimento. É com esse espírito que esperamos ter e desejamos que todas e todos tenham força para lutar e fazer a sua parte a favor do que acreditamos que pode tornar as vidas dos brasileiros mais dignas: a educação.

Nesta edição, apresentamos nove artigos científicos, de 17 autoras e autores vinculados a instituições nacionais e internacional. As pesquisadoras e pesquisadores envolvidos atuam nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil e na Espanha. Para a organização da leitura dos textos, temos duas seções, *Artigos* e *Arena*, sendo a primeira estruturada em três eixos: *TV, Rádio e Cinema; Comunicação e Gênero; e Educação, Comunicação e Cidadania*.

No primeiro eixo, os pesquisadores observam os meios de comunicação e seus produtos sob perspectivas diversas, iniciando pelo *Consumo televisivo de la población gitana*

y sus reflexiones sobre el reality show *Los Gypsy Kings*, no qual Gabriela Marques Gonçalves discute o consumo, as representações e as percepções da população cigana de Barcelona, na Espanha, sobre conteúdos televisivos voltados para informar e entreter. No artigo *Pílula do câncer na TV brasileira: a cobertura de programas televisivos sobre uma controvérsia científica*, Marina Ramalho, Marcela Alvaro e Vanessa Brasil de Carvalho continuam observando os fenômenos televisivos, mas desta vez com foco na análise de conteúdo e nas narrativas sobre a fosfoetanolamina sintética na Rede Globo, Record TV e Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), no período de 2015 a 2018. Já em *Uma utopia nacional em produção comercial: o caso do programa radiofônico História da Literatura Brasileira (1952-1954)*, Matan Ankava estuda o programa História da Literatura Brasileira, produzido por Osvaldo Moles, evidenciando-o como uma produção cultural que articulava as propostas civilizatória-educativa e comercial-mercadológica, logo, estava relacionado à identidade e à cultura do Brasil, bem como aos jogos de interesse do contexto pesquisado. Finalizando o eixo, Luiza Beatriz Alvim, no artigo *Amazonas, Amazonas de Glauber Rocha e a música de Villa-Lobos: representações entre passado, presente e futuro*, analisa as escolhas imagéticas e sonoras do documentário de Glauber Rocha, identificando que, para além de uma relação temporal com um passado mítico ou com o presente da região amazônica, há uma lógica geográfica na presença das músicas de Villa-Lobos.

Estão reunidos no segundo eixo os artigos que relacionam comunicação e gênero. Em *Comunicação e Gênero como área de pesquisa: características e desenvolvimento dos estudos a partir da análise bibliométrica*, Camilla Quesada Tavares, Nayara Nascimento de Sousa, Michele Goulart Massuchin e Gabriela Almeida Silva apresentam um panorama dos Estudos de Gênero em 70 periódicos científicos da área da Comunicação e Informação, discutindo os processos observados e técnicas e métodos acionados, entre outros aspectos importantes das pesquisas. Já em *Papéis femininos na propaganda e seus efeitos sobre consumidores brasileiros*, Fernanda Almeida Marcon, Rudimar Antunes da Rocha e Ana Maria Simões Ribeiro relatam um estudo quantitativo das atitudes de homens e mulheres sobre os estereótipos femininos na propaganda, verificando ainda intenções de boicote e interferências na imagem de marca.

Os artigos que integram o terceiro eixo discutem a educação e a cidadania, tendo em vista o importante papel da comunicação na sua constituição. Em *Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania*, Egle Müller Spinelli, por meio de uma pesquisa bibliográfica, reflete sobre o potencial de alfabetização midiática e indicadores de competências midiáticas para a constituição de uma identidade cidadã e participativa. Enquanto no artigo *A “Pedagogia da Autonomia” de Freire e a “Autocomunicação de Massa” de Castells no fortalecimento do protagonismo estudantil na educação híbrida em tempos de pandemia*, de Talvacy Chaves de Freitas e Juciano de Sousa Lacerda, há reflexões sobre os processos de fortalecimento do protagonismo estudantil e a necessidade de alfabetizar e conscientizar os estudantes para a cidadania no contexto digital.

Na seção Arena, o artigo *Desafios ético-políticos no exercício da cidadania científica em Comunicação* complementa o eixo anterior, quando Alberto Efendy Maldonado apresenta a experiência de constituição de redes de solidariedade acadêmica, para o exercício de uma cidadania científica crítica, e argumenta sobre a necessidade de construirmos poderes comunieducativos, sendo essa construção um compromisso ético-político que propõe alternativas de superação do neocolonialismo acadêmico.

Esperamos que com essa organização, todas e todos façam uma ótima leitura e possam relacionar e discutir os textos que compõem esta edição. Aproveitamos também para agradecer a quem contribuiu nesse processo: as avaliadoras e os avaliadores integrantes do Conselho Editorial Científico e as convidadas e os convidados *ad hoc*; as autoras e os autores que optaram pela *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* para compartilhamento das suas pesquisas, independentemente do resultado da avaliação; as leitoras e os leitores que prestigiam e circulam as ideias que publicamos; e a equipe editorial que, apesar do pouco reconhecimento em avaliações institucionais, são fundamentais para que as publicações ocorram, contribuindo para o avanço das discussões em Comunicação dentro e fora do país.

Desejamos boas leituras e novas esperanças para agora e para o ano que está chegando!